



UM EXÉRCITO MODERNO PARA AS CONDIÇÕES BRASILEIRAS

Ernesto Gomes Caruso

INTRODUÇÃO

● ideal para o Exército Brasileiro é ter suas Organizações Militares operacionais no nível máximo de operacionalidade desde o tempo de paz. Esse nível, chamado OPERACIONALIDADE PLENA, preconiza que os recursos materiais e humanos da OM estejam ordenados, quantificados e preparados adequadamente para o desenvolvimento da Eficiência Operacional e do Poder de Combate para emprego em Operações de Guerra, Defesa Territorial e Defesa Interna, e que possua capacidade física que permita o desenvolvimento de sua preparação para executar todas as missões previstas em Quadros de Organização, por períodos prolongados. (DGI/EME 84-89).

O Exército Brasileiro existe para as Operações de Guerra, Defesa Territorial, Defesa Interna, para manter a ação de presença e de dissuasão e, por que não dizer, como uma grande escola de civismo.

Como então, atender a essas necessidades considerando as condições brasileiras envolvidas?

O problema é complexo e não permite soluções como, por exemplo, manter-se a mesma estrutura para atender a todas as missões, bem como dividir pura e simplesmente os recursos humanos e materiais pelas organizações existentes.

Há que se fazer uma seleção de frentes, procurando destinar os recursos de acordo como as missões de cada Organização Militar.

O problema é tão mais complexo, na medida em que:

— aumenta a escassez de combustível, dificultando os grandes deslocamentos para os campos de instrução;

— a munição é pouca para instruir eficientemente grandes efetivos;

— há muitos claros nos efetivos essenciais à instrução, como Capitães, Tenentes, Sargentos;

— os recursos do país não permitem a aquisição de material moderno para grandes efetivos;

— aumenta a distância entre o homem brasileiro e o material de tecnologia mais sofisticada; e muito principalmente,

— não se pode reduzir os efetivos, face às responsabilidades do Exército para com este país de dimensões continentais.

Diante do problema abordado,

— é impossível que todas as organizações tenham OPERACIONALIDADE PLENA.

— é desnecessário que, presente-mente, todas as tenham; e

— é impositivo que um determinado número de OM a tenha logo.

Em conseqüência, o enfoque desse trabalho repousa basicamente sobre as atividades do Exército nos campos dos recursos humanos e materiais, que possam interferir globalmente no seu desempenho.

Os assuntos que passaremos a abordar sugerem algumas idéias de como poder-se-ia adotar uma sistemática diferente e atual, procurando encontrar soluções alternativas para os problemas sócio-econômi-

cos do país e de preparo da Força Terrestre.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A Estrutura Organizacional deve ser adequada não somente quanto à arma, Infantaria, Cavalaria e Engenharia. . . , mas também deve visar atender finalidades específicas, já que o ideal de se possuir todas as OM em nível máximo de operacionalidade é impossível.

Assim, a Estrutura Organizacional de determinadas OM atende às necessidades de Defesa Externa e de outras, atende às de Defesa Interna, formação de reserva ou até de absorção de parcela maior da juventude no Serviço Militar.

Por outro lado, há necessidade de se ter em todos os escalões, organizações com estrutura de guerra, inclusive no que se refere ao Apoio Administrativo.

Senão vejamos:

Batalhão, Regimento ou Grupo

Essas OM são de dois tipos. As chamadas Tipo I são completas em recursos humanos e materiais e preparadas para a Operacionalidade Plena. As outras são do Tipo II, dotadas com menos recursos humanos e materiais, particularmente suficientes tão somente para a Instrução Individual Básica e de Qualificação e são fundamentalmente voltadas para a Defesa Interna e ação de presença. Um BI Tipo II, por exemplo, te-

ria uma Cia Cmdo Sv e duas Cia Fzo.

Brigada

Temos Brigadas Tipo I, completas, enquadrando somente OM do Tipo I e Brigadas do Tipo II, enquadrando OM dos Tipos I e II ou só II.

Divisões de Exército

Também temos Divisões do Tipo I, enquadrando somente Brigadas do Tipo I e com Base Divisionária, constituída de OM do Tipo I, bem como Divisões Tipo II, enquadrando Brigadas e OM dos Tipos I e/ou II.

Artilharia Divisionária

De forma idêntica à da Brigada.

Exército

Nesse escalão verificamos ser necessário que pelo menos um Exército possua a Estrutura Operacional completa em todos os níveis (Ex, DE, Bda, Tr Ex e Cadeia do Ap Adm) mas não obrigatoriamente que todos os seus componentes sejam do Tipo I. Isto é, no mínimo possuir uma DE Tipo I, Tr Ex (com OM Tipo I), Cadeia do Ap Adm (com OM Tipo I) e alguma Artilharia de Exército. É necessário que exista, por exemplo, um Gpt Log de Exército para que realmente funcione e nele se possa praticar as atividades que lhe são inerentes.

PESSOAL

Cabos e Soldados

Os Cabos e Soldados são formados basicamente nas OM Tipo II, sendo posteriormente transferidos, os necessários, para OM Tipo I.

Cria-se a figura do soldado especialista, engajado e com razoável salário, para atender atividades como direção auto, burocracia (datilografia, arquivo), mecânica de autos, de armamento, etc.

Os motoristas permanentes acarretam maior durabilidade das viaturas, com menos despesas na sua manutenção, além de evitar-se, anualmente a formação de motoristas, o que representa um grande desgaste nos meios de transporte.

Os burocratas, à medida que fossem se aperfeiçoando, substituiriam os Sargentos nessa atividade, o que atende o recompletamento da tropa, além de significar uma grande economia em pagamento de pessoal.

Os mecânicos, à semelhança dos burocratas, substituiriam progressivamente os Sargentos. Uns como outros, com o passar dos anos são movimentados para escalões superiores de acordo com a atividade que exercem. Por exemplo, um burocrata inicia sua carreira em um Btl, indo concluí-la nos grandes Comandos já bastante experiente. Um mecânico finaliza sua carreira nos Parques, etc. . .

Sargentos

Os Sargentos de carreira e temporários devem ser recrutados ba-

sicamente dos efetivos engajados nas OM Tipo I, embora percentual das vagas para os de carreira seja preenchido por elementos aprovados em concurso público. A vivência na tropa, o conceito ao longo dos anos e o mérito intelectual proporcionariam condições para uma eficiente seleção.

O acesso não deve ser automático para evitar-se que um sargento, antes tido como excelente, venha a se constituir num despreparado sargenteante, subtenente ou oficial.

As vezes, um militar que se destaca como soldado mecânico e cabo mecânico não se revela um bom sargento. Há que se constatar as qualidades de chefia que deve possuir um comandante de pequenas frações e não, por simples promoção, perder um bom "executante" e ganhar um mau "mandante". Os cursos de extensão são realizados para aprimorar-se o sargento na atividade que executa ou que venha a executar.

Oficiais

1) O curso na AMAN

O curso de formação do oficial engloba o ensino fundamental e o ensino profissional. O ensino fundamental de nível superior o qualifica para as atividades administrativas que irá enfrentar ao longo da carreira, bem como proporcionar-lhe o embasamento cultural mínimo compatível com o exercício de suas funções de Oficial do Exército Brasileiro.

É o Bacharel em Ciências Administrativas. Já o ensino profissional o capacita para exercer as funções

de instrutor de tropa, de subalterno e de comandante de subunidade.

O curso é concluído em quatro anos. Os dois primeiros básicos e os seguintes nas armas. Nos dois anos de Curso Básico devem ser abordados conhecimentos gerais de Infantaria até nível comandante de subunidade. A Infantaria é o núcleo, em torno do qual todas as demais armas gravitam. Portanto é fundamental conhecê-la bem, para apoiá-la eficientemente.

Nos Cursos das Armas ocorre a preparação específica dos correspondentes materiais e seu emprego até nível capitão. É o Bacharel em Ciência da Guerra.

2) O curso na EsAO

O curso de aperfeiçoamento do oficial deve abranger também os dois campos: o ensino fundamental e o bélico. No ensino fundamental deve-se buscar a especialização do oficial, de acordo com a sua vocação, em determinada área das Ciências Administrativas, como Administração de Pessoal, de Material, Financeira, etc. . . Prepara-se em consequência o profissional de 1ª e 4ª Seções. O ensino bélico, além da parte comum a todos, prepara o profissional de 2ª e 3ª Seções. Tem-se então o mestrado em Ciências Administrativas e Ciências da Guerra.

O militar, a partir desse nível de preparo percorre um corredor de profissionalização, podendo-se dizer: "O Soldado de hoje será o Chefe do DGP (Departamento Geral do Pessoal) do amanhã".

A experiência adquirida com o passar dos anos se acumula de tal

maneira que, ao fim de alguns anos, há um domínio total dos assuntos de determinado campo de atividade. Em consequência, as movimentações ficam condicionadas à existência de vagas específicas. O capitão ocupa uma das Seções do Estado-Maior da OM, para a qual foi preparado, ou assume comando de subunidade em qualquer Unidade que vá servir.

A fim de diminuir custos, o Exército designará alguns oficiais para realizarem cursos de especialização em Universidades do Brasil ou até do estrangeiro, aperfeiçoando ainda mais o sistema.

3) O curso na ECEME

Nesse nível, à semelhança do que vem ocorrendo, busca-se atingir o doutorado em Ciências Administrativas e Ciência da Guerra, de forma específica. Os oficiais, de acordo com as suas especialidades, somam novos conhecimentos. Alguns oficiais de 2ª Seção são preparados para funções de 5ª Seção. Alguns oficiais de 4ª Seção são preparados para atividades de mobilização de material. Alguns oficiais de 1ª Seção são preparados para as atividades de mobilização de pessoal.

4) O Instrutor de Escola

O sistema contará com um instrutor de Escola mais bem preparado, pois nos vários níveis de atuação, acumulou informações que se sedimentaram ao longo dos anos.

Um instrutor de operações, por exemplo, ao ministrar suas aulas, ilustraria os assuntos com exemplos históricos importantes que se incorporaram ao seu dia-a-dia e

não por constar no Plano de Sessão. Todos ganham. Os alunos por participarem das aulas mais atraentes, os instrutores pelo domínio da matéria sem necessidade de intensa preparação e o sistema pela resultante dessa interação efetiva.

Para estimular nossa memória façamos a seguinte pergunta: Quem não assistiu a alguma conferência proferida por algum emérito especialista em determinado assunto? Naturalmente vamos nos lembrar de três ou quatro expressões escritas no quadro-negro ou projetadas e uma narrativa de três horas sobre o tema proposto. Isto se consegue através muitos anos de militância na mesma atividade.

Só com a profissionalização se conquista esse objetivo. O S1 de hoje, Chefe do DGP amanhã, o S3 de hoje, Chefe de um Departamento ou Diretoria de Adestramento e Doutrina amanhã, percorrendo cada um o seu corredor, atingirão esse ponto.

5) O nível universitário

É importante o nível universitário do oficial, seja na ativa, formado na AMAN ou seja na reserva, formado no CPOR. A conjuntura assim exige. Tanto os equipamentos, cada vez mais sofisticados, como o nível de instrução dos subordinados reforçam a argumentação.

Pelo simples compulsar de algumas revistas de origem estrangeira, verificaremos o nível escolar dos militares articulistas:

— Major-General RLW: Título de Bacharel da Academia Militar de West Point e de Mestre da Universidade de George Washington;

— Cel RMS: Títulos de Bacharel, da Universidade de Nebraska e Mestre da Universidade de Long Island;

— Cel DCC: Títulos de Mestre e Doutor da Universidade de Illinois;

— Ten Cel PTD: Títulos de Bacharel da Academia Militar dos EUA e de Mestre da Universidade de Georgetown;

— Ten Cel LMJ: Títulos de Bacharel e de Mestre da Universidade de Iowa;

— Ten Cel JMCJ: Títulos de Bacharel do Instituto Politécnico da Virgínia e de Mestre da Universidade de Utah.

— Major RFB: Título de Mestre da Universidade de Indiana;

— Major VPB: Título de Bacharel em Ciências da Academia Militar de West Point;

— Major JJK: Títulos de Bacharel da Academia Militar de West Point, de Mestre do Instituto Politécnico Rensselaer e de Mestre em Administração da Universidade de Long Island.

MATERIAL

As OM do Tipo I têm completa a sua dotação de material. As OM do Tipo II têm o material essencial para o tipo de atividade que vão executar na área de Defesa Interna, instrução e ação de presença. Por exemplo, o armamento para emprego dessas OM é restrito ao fuzil, pistola e metralhadora. O armamento pesado como obuseiro, canhões ou morteiros, em quantidade mínima, visa atender somente a Instrução Individual de Qualificação.

Por seu lado, o consumo de munição é racionalizado, porquanto as OM do Tipo II só devem realizar tiros com armamento leve portátil e a munição mais cara do armamento pesado destinar-se-á para as OM do Tipo I. Em consequência, a munição é dividida de forma simplista em tiros/por arma/ano para todas as OM sem uma prioridade.

O combustível também é bastante economizado, pois as OM Tipo II, dispõem de um número menor de viaturas, bem como tem as necessidades de transporte diminuídas, devido a não realização do Período de Adestramento. Com isso, grande parte dos recursos disponíveis é canalizada para um número menor de OM, inclusive permitindo a aquisição de material mais adequado à guerra moderna.

Da mesma forma, as instalações típicas da infra-estrutura necessária à instrução, como "stands" de tiro, pistas de táticas individuais ou frações, etc. são construídas para atender a um menor número de Unidades, de forma comunitária, evitando-se ociosidade e elevado custo de manutenção.

Não é válido dizer que se tem muitas instalações para pouco uso, mas sim que se dispõe de poucas instalações, porém bastante utilizadas. Ora, considerando que os recursos são os mesmos, não é conveniente pulverizá-los atendendo a todos de uma forma incompleta, função das idênticas necessidades de cada um dentro da mesma estrutura organizacional; por exemplo: tiro/por arma/ano ou

quantidade de combustível por viatura, etc.

É importante concentrar recursos de acordo com as necessidades

da OM, dentro da estrutura para atender às finalidades específicas dessas OM.

Assim temos:

RE	Maior parte dos recursos	OM Tipo I
CUR		
SOS	Menor parte dos recursos	OM Tipo II

Onde:

N° OM Tipo I < N° OM Tipo II

Vale lembrar também que a surpresa tem caracterizado as penetrações nos territórios estrangeiros em busca de negociações diplomáticas posteriores. Logo, é impositivo que um Exército tenha condições de impedir essa penetração, em princípio, pela dissuasão. Caso não o consiga pela dissuasão, que tenha aptidão de fazê-lo pelo poder de suas armas. E essas armas têm que ser modernas, como as recentes observações no cenário internacional bem demonstram.

O emprego dessas armas, por sua vez, também exige o exercício de uma doutrina correspondente. A eficiência não será obtida da noite para o dia. Talvez seja mais fácil adquirir um material sofisticado e caro do que formar uma doutrina de emprego com a rapidez esperada. Alguns desses equipamentos se fazem presentes de pronto: o emprego de helicópte-

ros, de mísseis e de equipamentos de busca de alvos.

Assim, para estimular nosso raciocínio, verificamos que surge a necessidade de que alguns regimentos de Cavalaria fossem dotados de helicópteros de reconhecimento e de ataque. Esses regimentos, ou até que fosse um, proporcionam a prática doutrinária nos seguintes aspectos:

- reconhecimento aéreo e terrestre na frente, flancos e retaguarda;

- facilidade no exercício de controle e coordenação das peças de manobra por ocasião de interferências nas ligações normais;

- ações, reações e ligações mais rápidas, superando as grandes distâncias do TO continental.

Mas essa evolução se faz presente nas demais armas. Hoje não se pode ficar ao largo do emprego do

raio Laser, dos mísseis, dos meios modernos de engenharia, de comunicações e da guerra química. Os passos dessas conquistas só poderão ser dados em menor prazo, com a economia de recursos em grande parte das frentes das necessidades e com a concentração em pequena parte dessas frentes, mas que exige muitos recursos.

Há duas formas de se conseguir

equipamento moderno: através da pesquisa ou pela aquisição do produto acabado.

A pesquisa precisa de tempo na conquista de novos conhecimentos e tecnologia avançada. A aquisição requer a existência de recursos financeiros.

Mas os equipamentos modernos geram doutrinas. É preciso tê-los em mão.



Logo, é preciso compatibilizar as duas atividades, pesquisa e aquisição, para não nos distanciarmos da doutrina, isto é, continuar pesquisando e adquirir equipamentos modernos em pequena escala.

INSTRUÇÃO

Nas OM Tipo I – Adestramento

Essas OM são essencialmente voltadas para o ADESTRAMENTO.

Ao invés de se ter um adestramento completo em cinco anos, voltado basicamente para os qua-

drós e com a participação anual dos soldados, este poderia ser realizado em muito menor tempo, talvez em dois anos, mas *com um mesmo conjunto*.

As OM Tipo I não têm responsabilidade na Instrução Individual. Recebem os soldados e cabos já qualificados para o Adestramento que é a grande preocupação da atividade bélica. E esta, se não for praticada como uma equipe, todos se conhecendo e acreditando uns nos outros, não conduzirá para a vitória final.

Por outro lado as Escolas também contarão, para demonstração

ou prática de comando por seus alunos, com conjuntos completos, bem instruídos, sem necessidades de antecipações ou adaptações nos programas de instrução.

A tropa estará sempre pronta não só para essas atividades como também para emprego em caso de guerra. A surpresa encontrará resposta imediata e não uma tropa de formação incompleta.

Esses conjuntos completos e disseminados em regiões diferentes permitem a realização de exercícios no terreno integrado às atividades escolares da EsAO e da ECEME.

As OM Tipo I estão próximas a campos de instrução adequados ao tipo de material de dotação; assim uma GU de blindados tem próximo a si um campo de instrução que permita seu emprego de forma adequada.

Essas GU não são consideradas escolas, mas de emprego mesmo.

O adestramento por seu turno é uma atividade global e não pode ser encarado de forma estanque face a montagens distintas do ensino e da instrução.

O Adestramento, então, deve ter uma origem única e atender desde o mais alto escalão até o mais baixo, de acordo com os objetivos colimados.

Assim, um exercício de Exército de Campanha, montado pela ECEME em conjunto com a Sec de Planejamento de um Exército, com objetivos determinados pelo EME, atende o exercício de grande comando, envolvendo um Exército, com suas DE, Bda, U e elementos do Apoio Administrativo,

bem como a própria ECEME e a EsAO.

O planejamento centralizado permite a manutenção de uma doutrina e desenvolvimento de atividades interligadas das operações e do apoio administrativo, explorando os casos importantes de ambas as áreas de atuações.

Para melhor atender as necessidades de segurança, o adestramento pode ser iniciado em épocas diferentes, de acordo com a GU e compatível com o término do Período de Instrução Individual das OM Tipo II.

Nas OM Tipo II – Instrução Individual

As OM Tipo II se dedicam fundamentalmente para a Instrução Individual Básica (IIB), nove semanas, e de Qualificação (IIQ), treze semanas.

Como atividade complementar são empregadas nos Cursos de Formação de Sargentos Temporários (CFST), dezessete semanas.

Por outro lado a mesma OM pode ter mais de uma incorporação no ano, o que permite melhor distribuição de encargos sobre a Instrução Individual, Curso de Formação de Sargentos Temporários e estágios diversos. Em consequência, os custos com alimentação e vencimentos ficam bastante diminuídos nas OM Tipo II o que facilita o pagamento de melhor vencimento aos que prosseguem nas OM Tipo I, realizando o Período de Adestramento e completando os dois anos de Serviços Militar.

A defasagem da incorporação nas OM Tipo II permite também atender aos possíveis recomple-

tamentos que se fizerem necessários.

Como ilustração tem-se:

Semanas	1	2	...	9	10	11	...	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	...	39	40														
Cia Cmdo Sv (50%) 1a. Cia.	IIB		IIQ e CFC										CFST																					
Semanas	1	2															18	1	2										9	10	...	22
Cia Cmdo Sv(50%) 2a. Cia	Estágios para Of/Sgt																	IIB						IIQ e CFC										

Esse tipo de Serviço Militar das OM Tipo II consome pouco menos de seis meses mas envolve um grande número de organizações, o que reforça a idéia de economia com pagamento de pessoal e verba para alimentação.

A DISTRIBUIÇÃO DAS OM

As OM Tipo I são distribuídas pelo território nacional considerando:

- as imposições estratégicas;
- a proximidade de campos de instrução compatíveis com a natureza da OM;
- a facilidade de concentração para emprego centralizado;
- a proximidade de meios de transporte ferroviário, rodoviário, aeroviário e marítimo;
- as condições locais de suprimento.

As OM Tipo II são distribuídas pelo território, considerando:

- a necessária ação de presença;
- a absorção de parcela da juventude do Serviço Militar;

- as condições para posterior transformação para OM Tipo I;
- razões de Segurança Interna;
- a proximidade das OM Tipo I para facilitar a movimentação de militares.

Obviamente há casos nos quais é impossível a existência de uma OM Tipo II a despeito das poucas possibilidades de transformação em Tipo I.

Se as razões estratégicas forem impositivas para a existência de uma OM Tipo I em determinada região, determinadas áreas nas suas proximidades seriam desapropriadas a fim de possibilitar adestramento do seu efetivo. Em contrapartida, outras áreas consideradas inservíveis seriam alienadas.

CONCLUSÃO

Os recursos humanos e materiais de hoje, devem ser remanejados a fim de que se disponha de algum conjunto no nível de Operacionalidade Plena.

Criam-se organizações de dois tipos. Um destinado principalmente para a Segurança Externa e outro para a Interna, para a ação inicial ou de presença.

Busca-se a profissionalização setorial do militar nos vários níveis hierárquicos.

Incentiva-se a pesquisa de novos equipamentos, sem deixar de adquiri-los, ainda que em pequena escala, para acompanhar a evolução da doutrina.

Considerar a doutrina como o centro das atenções, tendo-se em mente a preocupação sobre tudo que fazemos e tudo que iremos fazer.

Aloca-se mais recursos sobre um menor número de organizações, diminuindo os gastos em outras.

Ministra-se a Instrução Individual em algumas OM. Parte dos Cabos e Soldados assim formados é carreada para outras OM onde processar-se-á o Adestramento.

O tempo do Serviço Militar para muitos é reduzido para aproximadamente seis meses, e para poucos, melhor remunerados, ampliado para dois anos.

Em suma, economizar recursos em grande parte da frente e concentrá-los em pequena parte de frente é uma solução.



O Ten Cel Ernesto Gomes Caruso tem os cursos militares da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). É bacharel em Administração. Serve atualmente junto ao Comando da AD-3, Cruz Alta, RS.